



Estratégias Discursivas do Telejornalismo: TV Guarapari¹

Andressa Brito de Andrade²

Prof. Dr. Rafael da Silva Paes Henriques³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo é o resultado da observação das estratégias discursivas e os modos de endereçamento do telejornal Jornal Guarapari, desde os seguintes operadores de análise: o mediador; o contexto comunicativo; o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Essa avaliação inclui o modo como o programa jornalístico local dialoga e atualiza concretamente o que já está determinado historicamente pelo gênero telejornal. No cruzamento desses conceitos metodológicos, pretendemos encontrar, como resultado, os possíveis efeitos de sentido desse produto televisivo. Nossa principal hipótese é a de que o telejornalismo é realizado desde um modo particular de compreender e reportar a realidade, com características e marcas enunciativas próprias.

Palavras-chave

Linguagem; Gêneros Televisivos; Modos de Endereçamento; Telejornalismo; TV Guarapari.

¹Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Comunicação Social – Jornalismo da Ufes, e-mail: dedessa.andrade@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Ufes, email: rafaelpaesh@gmail.com



A televisão é uma das formas mais importantes – se não a mais poderosa - de se ver o mundo atualmente. O telejornalismo já está enraizado na cultura mundial e faz parte do cotidiano das pessoas. Estudá-lo é ter a possibilidade de entender mais o comportamento social humano dos habitantes a partir dos séculos XX e XXI.

O jornalismo é uma instituição de mediação simbólica (MACHADO, 2000), portanto, alguns conceitos precisam ser desmembrados para uma melhor compreensão desta atividade fundamental à sociedade democrática.

As bases do jornalismo contemporâneo são a neutralidade, a imparcialidade e a objetividade. Todavia, olhando de perto, não há ninguém que cumpra de fato esses ideais - por serem ideais, são quase intangíveis, mas isso não significa que devemos perdê-los de vista, afinal, ajudam na orientação do fazer jornalístico atual.

Itânia Gomes (2011) denuncia a pouca quantidade de estudos científicos sobre a TV enquanto produto cultural com certas especificidades; as análises tendem a cair somente na área sociológica, econômica ou empresarial, e os efeitos que são causados no telespectador, quem o telejornal pensa que seu público-alvo é e como ele se relaciona a partir da definição que ele mesmo fez são temas parcialmente analisados ou totalmente esquecidos.

Itânia afirma que a notícia, seja ela ouvida no rádio, lida nos jornais ou vista na televisão, ganha muito de sua configuração das características do próprio meio no qual ela aparece. Daí a importância de analisarmos as configurações da notícia como um gênero discursivo em relação às características que ela ganha quando elaborada para transmissão na televisão.

Modo de endereçamento

O modo como um programa televisivo se relaciona com sua audiência, construindo assim um estilo, é denominado por Gomes (2011) como “modo de endereçamento”. A marca de cada programa é que o identifica e também o que o diferencia dos demais.



O contexto comunicativo vem dos princípios reguladores da comunicação. São os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta. Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar. “O conceito de modo de endereçamento (...) permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico.” (GOMES, 2011, p. 37).

Gênero

Além da maneira que o programa fala com o telespectador, há a questão do gênero ao qual ele pertence. Os gêneros foram convencionados para proporcionar o reconhecimento do tal produto televisivo como sendo “jornalismo”, “novela”, “documentário” e assim por diante. Desmembrando o telejornalismo, há os ditos “subgêneros” da categoria: telejornalismo sensacionalista, policial, comunitário, prestador de serviço.

A definição de gênero ajudou a entender o telejornalismo como produto histórico, econômico e cultural de convenções, isto é, o que se convencionou fazer no jornalismo, quais as características do ofício foram se perpetuando e assim ajudam a definir e reconhecer o que entendemos por gênero telejornalístico hoje.

Pacto sobre o papel do jornalismo

Itânia Gomes diz que:

a relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade. É esse pacto que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa (2011, p. 39).

“A compreensão do pacto é fundamental para a análise de como o programa atualiza as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as ideias de verdade,



pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera.” (GOMES, 2011, p. 39).

Analisar como o telejornal organiza suas temáticas requer maior tempo e, ainda na fala de Itânia Gomes, “por vezes só pode ser compreendida através da observação do modo específico de organizar e apresentar as diversas editorias e do modo específico de construir a proximidade geográfica com sua audiência” (2011, p. 40).

Telejornais locais

Como a demanda por informações em nosso século aumentou e não dá para cobrir um país inteiro somente com as equipes dos grandes telejornais, ganharam força e importância os telejornais locais. Os grandes jornais não têm espaço nem mão-de-obra para transmitir todas as informações locais.

A perda da veiculação das características regionais de cada lugar também é um fator de peso no trabalho do telejornalismo local.

O laço local, a partilha de especificidades de caráter social e cultural, o compartilhar do cotidiano, a sensação de pertencimento local é o que procuram as emissoras afiliadas locais. Estas buscariam constituir um vínculo com o público da região/localidade em que se inserem.

Os telejornais de produção local seriam o lugar prioritário desse encontro, da criação de uma relação de pertencimento entre emissora e público e ainda um dos espaços privilegiados de construção da própria identidade da região/localidade, uma vez pressuposta a credibilidade de emissora e noticiário (s) junto a seus telespectadores (COUTINHO, 2007).

As emissoras locais têm as relações entre telejornal e comunidade bem próximas. Estudar os telejornais locais, então, é compreender como atuam no cotidiano dos moradores das redondezas próximas, locais e regionais.

Como dito acima, emissora nenhuma seria capaz de fazer sozinha a cobertura jornalística de um país todo como o Brasil. Ainda conforme Coutinho, o público busca



reconhecer-se e ver-se na telinha. Com essa atitude do público de querer de certa forma se ver e se reconhecer nas programações televisivas, as emissoras locais têm força e oportunidade de criar um vínculo com a audiência. Essa identificação com a emissora dá credibilidade ao jornalismo e capacidade de atrair anunciantes locais para a emissora.

Como grupo de pesquisa, concluímos que o telejornal é uma forma cultural e observamos outros aspectos, como: o que o telejornal fala de si mesmo e como ele quer ser conhecido – denunciador, comunitário, imparcial ou não -, comportamento do apresentador e se há a mediação constante do mesmo ou não, e, quais efeitos essas posições causam no público, mesmo que sejam consequências despercebidas pelo público.

O que fazer?

O analista de telejornal, então, deve se sentar na frente da televisão e se perguntar “quem esse telejornal pensa que eu sou? Quem ele quer que eu seja? Como quer que eu pense? Como ele age? Qual o contexto comunicativo que ele elabora? Como se direciona a mim?”.

Foi isso o que fizemos, enquanto grupo de análise e pesquisa. O telejornal que está sendo analisado neste artigo é o da TV Guarapari, transmitido de segunda a sexta-feira ao vivo às 19h30, terça-feira às 19h, reprisado às 23h05, 7h (no dia seguinte), 9h45 e 12h45 e sábado às 19h30. Cada edição dura cerca de 45 minutos.

TV Guarapari

Guarapari é uma cidade do estado do Espírito Santo, conhecida como Cidade Saúde, pelas areias monazíticas e pela inauguração do cemitério da cidade – não morreu ninguém na época e esse fato serviu de inspiração para a obra “O Bem Amado”, de Dias Gomes. Localizada a 50 km ao sul da capital, Vitória. Possui duas emissoras de televisão (TV Guarapari e TV Sudeste) e, no momento, apenas um telejornal, o Jornal Guarapari, transmitido pela TV Guarapari.

Esta TV é de pequeno porte, portanto produz programas locais e no restante do dia retransmite as programações da TV Cultura e TV Brasil. Os programas da TV



Guarapari são o Jornal Guarapari, Momento com Deus, Nosso Estilo, Destaque Empresarial e Guarapari Esporte. A TV está no ar há 15 anos.

O sinal está se expandindo, mas o alcance é somente a cidade de Guarapari. A emissora pertence ao ex-vereador do município Ricardo Conde, e ao político Hugo Borges, ex-prefeito falecido recentemente, e possui uma fundação municipal do mesmo nome, e também mantém uma das afiliadas da Band FM, na frequência 94.9 FM, transmitindo a rede de rádio popular paulista do Grupo Bandeirantes. Em matéria do dia 19 de setembro, aniversário da cidade e da TV Guarapari, o tema “TV digital” foi abordado e, Hugo Borges, homenageado.

O que o telejornal fala de si mesmo

Em abertura de uma matéria em 23 de dezembro de 2013, a apresentadora Josiane definiu a TV Guarapari como “a TV Guarapari é um meio de comunicação e informação diário mais antigo da cidade e acompanha de perto todas as situações que acontecem, principalmente nos bairros mais carentes do município”.

Um pouco do que foi observado no telejornal Guarapari: O JG considera a si mesmo como uma família. Na reportagem do dia 19 de setembro de 2013, em comemoração aos 15 anos de existência da emissora, o off dizia “considerada uma família, a TV da nossa cidade consegue manter a união”.

Ele fala de si mesmo como uma família, seus funcionários elogiam o ambiente de trabalho na matéria e demonstram a saudade que sentem do antigo dono, Hugo Borges. Para uma TV local, passar essa imagem é querer afirmar que o telespectador morador de Guarapari pode depositar sua confiança na emissora.

“De acordo com informações apuradas por nossa equipe de reportagem” foi uma fala da apresentadora assegura profissionalismo, credibilidade e que o telespectador pode ficar seguro sobre as informações que está recebendo.

Os quadros fixos são o Caso de Polícia, o Repórter nos Bairros, as outras matérias são assuntos “avulsos” – dependem do que aconteceu no dia da edição; todas as matérias têm chamada da apresentadora Josiane Gualberto.



Caso de Polícia

A vinheta do quadro “Caso de Polícia” parece mais com a abertura de um programa de auditório de domingo à tarde: leve, cheia de *flashes* e predominando as cores azul e branco. As palavras usadas para definir o quadro são “Assalto, Homicídio, Acidente”.

Geralmente são três assuntos/ocorrências relatados nesse quadro. A falta de imagens de apoio nas matérias desse quadro é notável: quase sempre o repórter Carlos Henrique Souza – às vezes reveza com a repórter Aline Layber - faz um *stand-up* improvisado na calçada na frente do prédio da TV. Sempre há a presença do repórter, raramente a imagem de apoio.

Em outras matérias, o tempo concedido às falas dos entrevistados (sonoras) é muito maior do que o que é dado em televisões comerciais da capital Vitória. Uma possível leitura disso é que o telejornal Guarapari quer passar a imagem de prestador de contas, com caráter denunciador, de quem está ao lado do povo e dá voz à comunidade, como se dissesse “eu não apareço. Não sou eu quem está dizendo, mas o povo a quem estou dando a voz”.

Entretanto, no dia três de setembro, a repórter Aline Layber noticiou um caso. Ela estava em frente ao DPJ da cidade, mas o Departamento mesmo só serviu de plano de fundo para a repórter. Na nota ela cita o delegado, porém não aparece sequer uma imagem do mesmo. Não pegou a fala do delegado, nem dos acusados ou vítimas. É como se ela estivesse lendo o boletim de ocorrência, em termos policiais. Isso é contraditório a um telejornal que aparenta dar voz ao povo. É só o (a) repórter reportando o caso.

Todavia, a repórter aparenta ser a mais esforçada neste quadro, pois, apesar de não haver imagens de apoio, pelo menos a imagem de fundo tem a ver com o que está sendo noticiado: se a notícia é sobre uma situação em um barco, no fundo há barcos e o canal de Guarapari; se é sobre a delegacia, lá está o prédio atrás; se é sobre uma farmácia, eila. O nome do estabelecimento aparece na imagem, porém nunca está na boca da repórter (sempre é “esta farmácia”, “este estabelecimento”).



Quando há imagens de apoio (como no dia 20 de setembro, em que foram filmadas as balas e pistolas apreendidas e a fala do sargento envolvido na operação), a reportagem é sem a fala do repórter (passagem) e, quando não há imagens de apoio, há excesso de vinheta e presença do repórter. São poucas as imagens de apoio, o que faz com que o repórter apareça mais na tela para suprir a falta de imagens.

Em matéria de outro quadro, estudantes de um colégio ganharam medalhas nos Jogos na Rede em Vitória. A matéria só foi uma entrevista com dois medalhistas e o professor de Educação Física que os treina. Os atletas jogando, brincando ou treinando seriam importantes imagens de apoio.

Outra característica observada é o jeito como os repórteres impostam a voz: lembra uma locução radialista. Ora, se a televisão é o casamento de som e imagem, por que não aproveitar essas duas características ao invés de uma só?

Repórter nos Bairros

Este quadro é basicamente o repórter entrevistando o morador da cidade. Não há edição: é o cinegrafista registrando a conversa (sempre em pé) do jornalista com o cidadão, ouvindo suas queixas, seja em relação ao asfaltamento ou ao abandono de alguma praia. O cinegrafista dá um *close* no entrevistado, após o ângulo estar aberto com o repórter e o entrevistado compondo o enquadramento; depois, a câmera “passeia” pelo local da conversa, pegando os arredores (rua, movimentação de pessoas, algum monumento próximo).

O Repórter nos Bairros é na maioria das vezes de denúncia, sempre dando oportunidade para o morador reclamar sobre algum aspecto da administração da cidade; reclama-se da falta de manutenção da sinalização no centro, dos buracos, da falta de lombada. Contudo, a prefeitura, autoridades ou quem está sendo alvo da reclamação nunca é ouvido, não tem a chance de responder. Esse quadro representa, de certa forma, um retrocesso na caminhada jornalística: só ouve um dos lados da história.

Para entrar em contato com a TV Guarapari, o morador deve telefonar ou mandar um e-mail.



A fala do repórter Carlos Henrique de Sousa “o Repórter nos Bairros está na rua” mostra o jornal saindo das quatro paredes da emissora e cumprindo o papel de ir a campo, pesquisar, saber, fazer o papel de repórter de rua.

“‘Taí’ o morador mais uma vez solicitando a presença da TV Guarapari aqui na rua onde ele mora, pedindo solução para uma série de problemas que os moradores têm enfrentado aqui. TV Guarapari Repórter nos Bairros...”

O Jornal Guarapari é um telejornal hiper local, bem focado nos problemas dos bairros e nos acontecimentos da cidade, portanto, cumpre o papel de jornal local.

Um exemplo é a matéria do quadro “Repórter nos bairros” do dia 2 de setembro de 2013 em que o repórter Carlos Henrique entrevista o morador Celso Maioli sobre a mudança da sinalização (placa de contra-mão) na rua Heitor Lugon, em frente à Prainha de Muquiçaba. O tempo da entrevista ultrapassa 2 minutos – na televisão, tempo é tudo.

Observamos que o assunto poderia ter sido abordado de outra forma, não só dando oportunidade de um morador reclamar sobre a mudança, porém entrevistar o Departamento de Trânsito (Detran), pesquisar e mostrar como estão outras ruas da cidade, se é somente aquela que passou por mudança, como isso influencia no trânsito, qual o motivo da mudança.

“Gilmar, fala pra gente: o que tem atormentado, tirado o sossego de quem mora aqui?”

No dia 4 de setembro, o entrevistado “fugiu”, aos olhos do repórter, ao assunto principal: a entrevista começa com o repórter perguntando ao morador sobre o buraco na rua; o morador fala não só do buraco, mas sobre a ausência de uma faixa de pedestres e de uma lombada, e outros “probleminhas” da rua. Contudo, o repórter quer dar atenção ao buraco que a Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) abriu, mas não fechou, então fala “voltando ao ponto inicial, com relação a esse buraco aqui... Parece que a Cesan começou um trabalho com a rede de esgoto e não concluiu?”, sendo que a chamada foi para a série de reclamações que o morador tinha sobre a rua.



Segundo Gomes (2011), o mediador é o responsável pela predominância do verbal na televisão. No período que pegamos para analisar este telejornal, a apresentadora do Jornal Guarapari foi Josiane Gualberto.

Sem dúvida, em qualquer formato de programa jornalístico na televisão, o apresentador é a figura central, aquele que representa a “cara” do programa e que constrói a ligação entre o telespectador, os outros jornalistas que fazem o programa e as fontes. Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador (GOMES, 2011, p.38).

A apresentadora fica posicionada em pé, sempre do lado direito do vídeo – do lado esquerdo foi posicionada o símbolo “JG” (Jornal Guarapari). O enquadramento é o plano americano. Veste geralmente calça social preta e blusa social de manga comprida lisa ou estampada. Todas as matérias têm a chamada de Josiane. A chamada da apresentadora para o quadro é “veja no Caso de Polícia”.

A apresentadora não se movimenta pelo estúdio, seu espaço é bem restrito. Fica com um papel e uma caneta nas mãos. Fala sempre de frente para uma câmera, não há *travelling* nem nenhuma mudança brusca de enquadramento: é sempre o plano americano.

Alguns temas abordados nas edições de setembro de 2013 mostram o cumprimento da cobertura local da emissora, como o consumo de carne ser maior do que o de peixe; estudantes do colégio ganham medalhas nos Jogos na Rede em Vitória; desfile cívico em comemoração ao aniversário da cidade; mudança das placas de trânsito.

O JG é bem prestador de informação mesmo: vez ou outra está na Câmara dos Vereadores, informando como foram as sessões.

O JG poderia aproveitar melhor o tempo que possui em cada edição, que é aproximadamente 45 minutos, para aprofundar suas matérias, abordar outros temas, expor assuntos variados, até mesmo entrevistar autoridades, celebridades, pessoas da cidade no estúdio. Apesar de a emissora já possuir um programa que fale de esportes, esse assunto poderia ser mais abordado no Jornal Guarapari.



A equipe de reportagem pode avançar mais, coletar mais imagens, editar melhor, fazendo com que texto e imagem “casem” e façam a reportagem fluir melhor.

Um “puxãozinho de orelha”, em comentário em uma matéria postada no canal do Portal 27, parceiro do Jornal Guarapari: “Eu acho a TV Guarapari uma boa opção, mas acho que falta um pouco de correr mais atrás da notícia ao vivo, entende? Competência vocês têm, só falta um empurrão”⁴.

A TV Guarapari define sua Missão: *Levar ao cidadão de Guarapari informações sobre o que acontece na nossa cidade através da mídia*. Porém, a equipe poderia se esforçar e *linkar*, conectar as notícias locais com as do “Brasil e do mundo”. Ou menos, para não sair tanto da sua missão: poderia noticiar as informações do dia do Espírito Santo ou de assuntos das cidades vizinhas que forem relevantes para os moradores de Guarapari – como empregos, economia, acidentes.

Considerações finais

O Jornal Guarapari é um telejornal diário que abrange a cidade saúde do estado. Por ser uma cidade turística em que pessoas de todos os lugares do Brasil e do mundo frequentam, seria interessante que notícias internacionais, que afetam Guarapari, também fossem transmitidas nas edições do telejornal.

Concluimos, depois de observar edições de setembro de 2013 do JG, que o mesmo cumpre um papel de prestador de serviço, passando informações locais aos moradores de Guarapari. É denunciador as falhas da administração da cidade, no quesito de asfaltamento, sinalização, e saúde.

As sugestões que se fazem neste artigo são no sentido de gerar um esforço e dedicação maiores tanto na equipe de reportagem, quanto na de edição e pauteiros do JG.

Continuaremos a fazer análises do modo de endereçamento do JG no primeiro semestre de 2014 – o que se pretende tornar o Trabalho de Conclusão de Curso da autora deste artigo.

⁴ Publicado pela internauta Claudia Ravaiani, em março de 2014.





Referências bibliográficas

COUTINHO, Iluska. **“Telejornalismo e identidade em Emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento”**. In: Mimeo. 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota et alii. **Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modo de endereçamento no telejornalismo show**, Porto Alegre, Revista da Famecos, nº25, dezembro de 2004

MACHADO, Arlindo. “As vozes do telejornal”. In: _____. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

Pesquisa na internet

Matéria sobre a parceira do Jornal Guarapari com o Portal 2723 12 2013 PARCERIA TV GUARAPARI E PORTAL 27 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=irBr3rixz8k>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

Site da TV Guarapari
Disponível em <<http://tvguarapari.com>> . Acesso em: 31 mar. 2014

História da TV Guarapari - Wikipédia
Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Guarapari>. Acesso em: 31 mar. 2014